

ENTREVISTA

À margem da vida



FÁBIO QUEIROZ/AGÊNCIA AL

O psicanalista e professor da PUC Jorge Broide, que há mais de 40 anos trabalha com a população em situação de rua

Em meio à campanha “fique em casa”, o psicanalista Jorge Broide trabalha com aqueles que não têm casa, as 25 mil pessoas em situação de rua. Por **Robinson Borges**, de São Paulo

IMPACTOS DO CORONAVÍRUS

O interesse do psicanalista Jorge Broide pela vida nas ruas surgiu com a leitura de “Capitães de Areia”, romance de Jorge Amado (1912-2001) sobre meninos pobres de Salvador que vivem nas vias públicas, dormem sob a lua, num velho trapiche abandonado, e cometem pequenos delitos para sobreviver. Essas sensibilidades, relações e experiências com contornos trágicos e urgentes foram de-

terminantes para aquele jovem e futuro professor na PUC incorporar à sua atividade em consultório o trabalho com pessoas que vivem à margem das convenções sociais, como os protagonistas da obra amadiana.

Ainda na faculdade, Broide partiu para a escuta de medos, raivas, devaneios e abandonos de crianças, adolescentes e adultos em ruas e prisões, além de fazer um trabalho com operários militantes e vítimas da violência policial dos anos 1970, em plena ditadura civil-militar. Hoje, em meio a uma pandemia em que se recomenda o recolhimento em casa, o psicanalista está preocupado com os que não têm um teto para ficar: as 24.344 pessoas de São Paulo que vi-

vem em situação de rua, segundo pesquisa feita pela Qualitest antes da crise.

Vida e morte estão sempre presentes na dinâmica dessa parcela da população, mas a pandemia de uma doença supercontagiosa tem um potencial para elevar o estigma. “A pessoa vira, também, entre muitas aspás, porta-voz da peste”, afirma.

O que significa atender pessoas que não têm redes de sustentação típicas das classes média e alta e vivem em um outro mundo? Ao deixar o consultório e ir para a rua, Broide teve de construir dispositivos diferentes: não há divã, não há poltrona. Para ele, o que valida a psicanálise é a escuta do sujeito onde quer que ele esteja. Com as pessoas em situação de

rua, ela tem de ser territorial, feita por meio de ancoragens, os fios invisíveis que ligam o sujeito à vida. Pode até ser um familiar, mas geralmente são outras pessoas ou mesmo um animal, como ocorre com Baleia, de “Vidas Secas”, em que Graciliano Ramos (1892-1953) revela a relação afetiva e até humanizada entre o cão e quem vive na rua. “É fundamental que a gente entenda essas ancoragens para poder apostar na vida, não na morte”, afirma.

Na entrevista a seguir, o autor de “Psicanálise em Situações Sociais Críticas” fala sobre como a pandemia de covid-19 afeta a sociedade, aborda o seu trabalho nas ruas da cidade e faz propostas para a execução de políticas públicas. “Não é possível ter abordagem eficaz se

não houver articulação entre o Estado, que sozinho não consegue fazer; a iniciativa privada; o terceiro setor e a sociedade civil”, afirma.

Valor: A campanha do isolamento pede para ficarmos em casa, mas as pessoas em situação de rua não têm essa opção. O que esses sujeitos têm contado sobre essa experiência?

Jorge Broide: Mesmo com o enorme desamparo em que a população em situação de rua vive, num momento normal ela tem o apoio do comércio, da vida da cidade, dos restaurantes, da circulação de dinheiro pela cidade. Quando temos a pandemia e a quarentena, essa circulação de dinheiro e essa vida que pulsa deixa de existir. Ela vai perdendo os

Para Broide, uma abordagem eficaz para o problema da pessoa em situação de rua exige articulação do Estado com a iniciativa privada, o terceiro setor e a sociedade civil



GUITO MORETO/AGÊNCIA O GLOBO